



BOLETIM DE COMÉRCIO
EXTERIOR DA BAHIA
OUTUBRO 2023

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Outubro 2023, 3

Importações, 7

Apêndice A – Outubro 2023

Tabela I - Balança comercial - Brasil

Tabela II - Balança comercial - Bahia

Tabela III - Balança - Brasil X Bahia

Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro

Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões

Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados

Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados

Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios

Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado

Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos

Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos

Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos

Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos

Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões

Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados

Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado

Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios

Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso

Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos

Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Outubro 2023

Tabela I - Balança comercial - Brasil

Tabela II - Balança comercial - Bahia

Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões

Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados

Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados

Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios

Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado

Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos

Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos

Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos

Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos

Tabela XII - Importações brasileiras por regiões

Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados

Tabela XIV - Importações nordestinas por estado

Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios

Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso

Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos

Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Henrique Rocha Reis (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Laura Dantas

EDITORAÇÃO

Nando Cordeiro

As exportações baianas voltaram a registrar queda pelo oitavo mês consecutivo. Em outubro de 2023 as vendas externas do estado alcançaram US\$ 861,7 milhões com queda de 23,4% no comparativo interanual.

Depois de baterem recorde no ano passado, após o início da guerra entre Rússia e Ucrânia, as *commodities* recuaram este ano, com redução na demanda global, resultado da desaceleração da economia mundial e das incertezas geradas pela fragmentação geoeconômica. Apesar da reação nas cotações do petróleo e de outros produtos em outubro, que fizeram com que os preços médios aumentassem 1,5% no comparativo interanual, os valores continuaram inferiores aos do mesmo mês do ano passado, exclusivamente por conta da redução no volume embarcado em 24,5%.

No acumulado do ano, as exportações alcançaram US\$ 8,96 bilhões, bem abaixo dos US\$ 11,74 bilhões referentes aos iguais meses de 2022. A queda das exportações em 2023 chega a 23,7% nos valores e a 11,1% no quantum, com a desvalorização dos produtos exportados sendo, no ano, o maior protagonista do recuo das vendas externas estaduais.

Em outubro de 2023, no setor Agropecuário, a prevista safra recorde de grãos pesou mais nas exportações de algodão e milho. Os embarques do segmento líder da pauta (*soja e derivados*), apesar de terem melhorado no mês, continuaram 0,6% abaixo do mesmo período do ano passado. Já as receitas do setor, em função de preços médios menores, recuaram 9,5% no mês. Em todo o setor Agropecuário, houve redução de 1,64% nas vendas. Apesar de o volume de mercadorias embarcadas ter subido 6,3% em outubro na comparação com o mesmo mês de 2022, o preço médio caiu 7,4%.

Os produtos com maior destaque nas exportações agropecuárias foram *soja e derivados* (-9,5%), *algodão e seus subprodutos* (1,8%), *frutas* (52,3%) e *milho* (37,1%). Em valores absolutos, o destaque é a *soja e seus derivados*, cujas exportações representaram 58% do total das vendas do setor.

Na indústria de transformação, as vendas registraram queda de 43,4%, enquanto a quantidade embarcada registrou decréscimo de 44,5% em setembro, com o preço médio crescendo 1,0%, influenciado positivamente pelo aumento de preços do refino e da celulose. Mesmo com a melhora nos preços, as maiores baixas

ocorreram no setor de *derivados de petróleo* (-60,3%), *petroquímicos* (-44%) e *metalúrgicos* (-49,7%). A crise econômica na Argentina, segundo principal destino das manufaturas baianas, também contribuiu para o recuo das exportações dessa categoria.

Na indústria extrativa, que engloba a exportação de minérios e metais preciosos, o volume exportado desabou 73,6%, enquanto os preços médios aumentaram 4,1%, o que, diante da queda no volume, resultou em uma retração nas receitas em 10,8%.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan./out. – 2022/2023**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %
Exportações	11.738.120	8.960.611	-23,66
Importações	9.747.598	7.463.101	-23,44
Saldo	1.990.523	1.497.511	-24,77
Corrente de comércio	21.485.718	16.423.712	-23,56

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/11/2023,

<http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A economia mundial mostrou-se resiliente, mas seu desempenho se deteriorou ao longo do tempo, devido a divergências entre países ricos e pobres em relação às expectativas de crescimento.

Durante a boa fase, houve três desdobramentos promissores: o Fundo Monetário Internacional (FMI), em seu relatório de outubro, *Perspectiva Econômica Mundial*, não teve necessidade de fazer quaisquer alterações significativas às suas previsões de abril; a turbulência financeira do primeiro trimestre do ano – com o colapso dos bancos regionais americanos e do Credit Suisse – se dissipou, e, o que é mais importante, há crescentes evidências de que a inflação poderá ser reduzida à meta sem recessões. Portanto, a desinflação pode se revelar mais ‘imaculada’ do que o previsto.

De acordo com o FMI, os mercados de trabalho continuam sólidos em muitos países de alta renda, sem “espirais salários-preços” comprovadas. Há evidências, também, de “compressão salarial”, com a expansão dos salários mais baixos em relação aos mais altos. Isso sugere que talvez se deva ao valor representado pela comodidade do trabalho flexível e remoto para trabalhadores qualificados, que estão preparados para trabalhar em casa por menores salários.

No entanto, persistem significativos riscos a curto prazo. Um deles é o de que a crise imobiliária chinesa se agrave, e muito. Outro é a possibilidade de nova volatilidade nos preços das *commodities*. Há ainda o risco de enfraquecimento do consumo com o esgotamento das poupanças da era da covid, principalmente nos EUA. Além do mais, há possibilidade de que a inflação mostre-se mais resiliente do que o previsto: o fato de parecer possível baixar a inflação sem uma recessão não é motivo para abandonar esse esforço prematuramente. Finalmente, a política fiscal vai se revelar mais fortemente apertada nesse novo mundo. Isso significa, especialmente, que os países em desenvolvimento devem enfrentar dificuldades com dívidas onerosas. Novos choques financeiros parecem prováveis.

Além disso, e infelizmente, a resiliência não implica um bom desempenho. Assim, em 2023, a produção mundial será cerca de 3% mais baixa do que se previu antes da pandemia. Essas perdas são pequenas nos países de alta renda: nos EUA, chega a haver até um ligeiro ganho. Mas, nos países emergentes e em desenvolvimento, o impacto é mais adverso. Isso evidencia a capacidade muito maior dos países de alta renda de lidar com choques, em relação aos mais pobres, que não conseguem criar vacinas ou obter empréstimos em condições favoráveis. Assim, a pandemia, a guerra da Rússia na Ucrânia e os choques climáticos reverteram décadas de tendências de redução da pobreza: segundo o Banco Mundial, em 2022, viviam em extrema pobreza 95 milhões de pessoas a mais do que em 2019.

Esse desempenho econômico precário e divergente tem de ser colocado em um contexto de longo prazo. O relatório do FMI observa que houve uma queda de 1,9 ponto percentual nas perspectivas de crescimento global de médio prazo, de 2008 a 2023. A queda é geral, mas é especialmente significativa no caso dos países em desenvolvimento. O número de anos previsto como necessário para que países emergentes e em desenvolvimento fechem metade da diferença de renda *per capita* que os separa das economias de alta renda aumentou significativamente. Teremos mais dificuldades de longo prazo pela frente. Uma delas é o clima: o mundo vivenciou seu setembro (verão, no Hemisfério Norte) mais quente de todos os tempos, após ter ultrapassado o recorde anterior em 'extraordinário' 0,5°C. Além disso, se as taxas de juros reais vão subir permanentemente, como acreditam alguns, as condições para os investimentos e para o crescimento de longo prazo também se deteriorarão permanentemente,

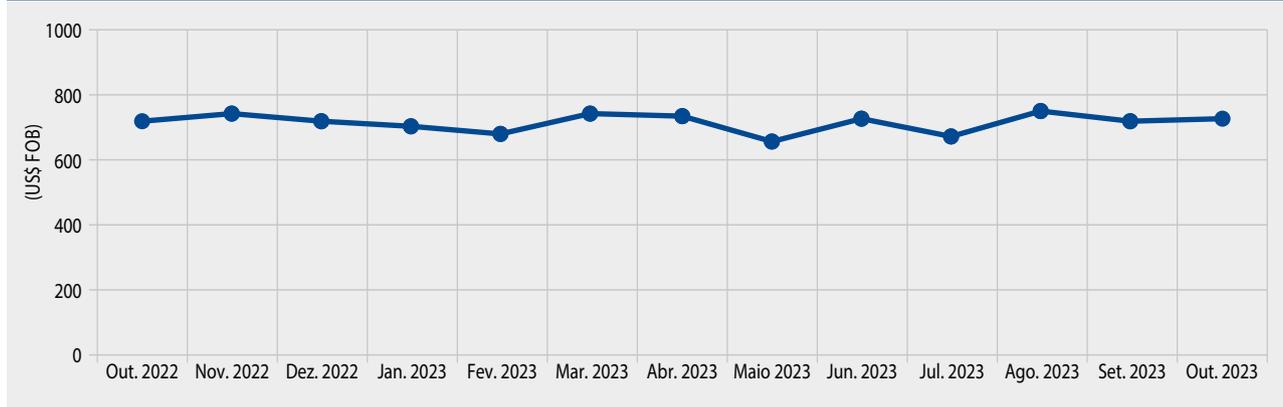
exatamente num momento em que é necessária uma enorme disparada dos investimentos para enfrentar os desafios do clima e alcançar as metas mais amplas de desenvolvimento. O fraturamento da economia mundial, com o crescente protecionismo e a intensa competição geoestratégica, tende a intensificar tudo isso. No pior dos casos, as cicatrizes dos últimos anos vão se revelar não apenas irreversíveis como também prenúncios de um desempenho permanentemente prejudicado.

Em última análise, esses são todos essencialmente problemas políticos, o que significa dizer que são quase insolúveis, ainda que o mundo tenha os recursos e a tecnologia necessários para administrá-los. Não há bons motivos para tantas pessoas viverem em circunstâncias tão terríveis. Também não há motivos para não se enfrentar a crise do clima e outros desafios ambientais. Mas, para isso, é preciso que a sociedade reconheça seus interesses comuns, a necessidade de ação coletiva e a iminência do que se imaginava, até recentemente, serem possibilidades remotas.

Em outubro de 2023, os preços médios dos produtos embarcados pelo estado tiveram pequeno avanço em relação a setembro, visto que subiram, na média, 1,3% ante o mês imediatamente anterior, ficando 1,5% acima quando comparados ao mesmo mês do ano passado. Essa retração que vinha diminuindo, quando comparada ao mesmo mês de 2022, agora já é positiva à medida que a base de comparação diminui.

Esse comportamento ocorre quando a nível nacional, com dados de agosto, a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), divulgou que a rentabilidade do exportador brasileiro, afetada pela queda de preços de embarque, caiu 3,9% de janeiro a agosto deste ano em relação a igual período de 2022. O corte de 6,1% do custo de produção, propiciado pelo processo de deflação global, não foi suficiente para garantir avanço da margem na exportação e teve seu efeito mitigado pela queda de 8,1% nos preços médios nos embarques e pela valorização nominal de 2% do Real ante o Dólar.

O desempenho, porém, não foi homogêneo entre os grandes setores de atividade. A rentabilidade da exportação caiu no setor agropecuário e na indústria extrativa, com quedas de 5,4% e 16,2%, respectivamente, na mesma comparação dos oito meses. Nesses setores, o impacto da queda do preço médio de exportação e da valorização do Real se sobrepôs à redução de custos.

Gráfico 1 – Evolução dos preços médio mensal das exportações baianas – 2022-2023

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 11/2023.
Elaboração: SEI

Em sentido inverso, os embarques da indústria de transformação tiveram ganho de 2,4% da rentabilidade em igual período. O avanço de margem aconteceu porque o corte de 6,4% do custo de produção compensou a queda de 2,2% nos preços de exportação do setor e a valorização da moeda nacional em 2%.

A perspectiva atual é de que o ano feche com queda de rentabilidade ligeiramente acima da acumulada até agosto na exportação total brasileira. Nos embarques

da indústria de transformação, estima-se que o ganho de margem em 2023 deve ficar próximo a 1% contra 2022. O custo parece ter se estabilizado em relação ao aumento observado no ano passado. A redução de custos, que favoreceu a rentabilidade de vários setores até agosto, deve começar a perder força.

Até outubro, a pauta de exportações por segmento segue liderada pela soja e seus derivados, com US\$ 2,43 bilhões e redução de 17,7% ante igual período de

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan./out. – 2022/2023

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2022	2023			
Soja e derivados	2.954.592	2.431.084	-17,72	27,13	-10,96
Petróleo e derivados	3.230.087	1.901.807	-41,12	21,22	-25,37
Papel e celulose	1.039.184	1.023.093	-1,55	11,42	6,42
Químicos e petroquímicos	1.291.019	831.516	-35,59	9,28	-23,09
Metais preciosos	449.552	522.292	16,18	5,83	-26,09
Minerais	558.964	463.399	-17,10	5,17	8,20
Algodão e seus subprodutos	572.087	402.436	4,20	4,20	-9,67
Metalúrgicos	461.569	300.112	-34,98	3,35	-30,54
Frutas e suas preparações	138.032	185.292	34,24	2,07	14,61
Cacau e derivados	168.919	166.232	-1,59	1,86	1,56
Borracha e suas obras	156.027	159.405	2,16	1,78	13,54
Café e especiarias	209.547	153.572	-26,71	1,71	-12,70
Milho e derivados	58.139	121.857	109,60	1,36	-13,04
Calçados e suas partes	82.037	72.944	-11,08	0,81	18,91
Sisal e derivados	67.582	63.045	-6,71	0,70	-18,50
Couros e peles	54.255	27.858	-48,65	0,31	-31,76
Carne e miudezas de aves	28.889	27.048	-6,37	0,30	0,18
Fumo e derivados	15.902	17.788	11,86	0,20	16,40
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	113.263	16.232	-85,67	0,18	13,71
Demais segmentos	88.473	73.599	-16,81	0,82	-34,13
Total	11.738.120	8.960.611	-23,66	100,00	-14,15

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/11/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: SEI.

2022. O volume embarcado permanece 7,6% abaixo do registrado no ano passado.

De janeiro a outubro de 2023, seis grupos de *commodities* responderam por mais de 75% do valor das exportações baianas. Nesse período, as vendas do complexo soja, petróleo e derivados, papel e celulose, metais preciosos, minerais e algodão somaram US\$ 6,74 bilhões, uma participação de 75,2% de um total exportado de US\$ 8,96 bilhões. É um percentual praticamente igual aos 75,0% registrados no igual intervalo de 2022, participação superior em 68% à dos dez primeiros meses do ano 2005.

Na comparação com o mesmo período do ano passado, o aumento da fatia dessas *commodities* nas exportações em 2023 deve-se, em boa parte, à alta das vendas para Canadá, Alemanha, além de um incremento, embora menor que em 2022, para a China. De janeiro a outubro, as vendas para o país asiático, dominadas por produtos básicos, caíram 14,7%, para US\$ 2,43 bilhões, enquanto que o volume embarcado teve queda de 5,7%. Com isso, a participação das vendas para a China alcançou 27,1%, acima dos 24,4% do igual intervalo de 2022.

Ao longo das últimas duas décadas, o salto desses produtos na pauta exportadora deve-se especialmente ao cenário marcado pela forte demanda da China por bens que a Bahia produz com eficiência apesar dos desafios de competitividade enfrentados pela indústria local. Tal dinâmica integra a Bahia à cadeia de insumos e suprimentos da China, oferecendo produtos essenciais para o consumo de sua população. De janeiro a outubro de 2005, as exportações para a China somavam apenas 4.1%.

Como a Bahia tem elevada produtividade no agronegócio, foi possível atender à crescente demanda chinesa por soja e produtos ligados aos setores da mineração, da indústria de celulose, além de algodão, sisal, químicos e carne de aves.

Na área de celulose, um dos poucos segmentos que tiveram aumento de preços no comparativo interanual, foram observados aumentos mensais no preço da celulose de eucalipto desde junho, quando a China surpreendeu produtores e analistas com uma demanda mais forte do que a esperada pela fibra. Nos dez primeiros meses do ano, os valores exportados para o país asiático cresceram quase 6%, alimentando sucessivas

e bem-sucedidas rodadas de reajuste, que se refletem também nos mercados europeu e americano, onde a procura segue enfraquecida.

Em outubro, a Suzano, maior produtora de celulose de mercado do mundo, anunciou novos aumentos para a fibra de eucalipto para novembro em todas as regiões. Será o sexto mês de alta na China e o terceiro mês na Europa e na América do Norte. Os reajustes variam de US\$ 50 a US\$ 80 por tonelada e indicam que a rodada de outubro, em todos os mercados, foi integralmente implementada.

Conforme a maior exportadora do produto na Bahia, estoques em queda em portos de diferentes países, demanda de celulose e papel aquecida e o *spread* entre fibra curta e fibra longa acima dos níveis históricos dão base ao novo aumento.

Já a indústria, segue patinando e, para ganhar algum espaço, ou deixar de perder, são necessárias iniciativas que elevem a capacidade de competição do setor, o que passa por medidas como reforma tributária e melhora da infraestrutura. Alguns analistas também veem chances promissoras para a indústria na cadeia de *commodities* e no setor de energia renovável, nos quais a Bahia se destaca, além do setor automotivo, com a anunciada instalação da BYD no estado.

O setor passou a perder mais espaço nas exportações totais, principalmente a partir da segunda metade dos anos 2000, quando as vendas de *commodities* cresceram com muita força. Houve um tombo adicional a partir de 2020, o primeiro ano da pandemia, que representou um baque para as vendas do setor, além do fechamento da fábrica da Ford na Bahia em 2021. Em 2022, a fatia do setor nas exportações totais, de janeiro a outubro, ficou 38% abaixo de 2022 quando chegou a 47%, graças à alta no refino.

Agregar valor a produtos primários, industrializando-os, pode ser uma saída para aumentar as chances de ampliar a participação de manufaturados na pauta de exportação e de diversificá-la, além de melhorar as condições de competitividade.

As importações também tiveram queda no mês passado, embora em ritmo bem menor que as exportações. Em outubro, totalizaram US\$ 684,8 milhões, com recuo de 8,6% no comparativo interanual, com forte queda dos preços (-28,1%), mas com aumento de 27% nos volumes desembarcados. O comportamento dos preços de importação está relacionado à deflação global de custos, considerando que, em 2022, houve pressão de preços de matérias-primas e de importações como um todo.

Em outubro, todas as categorias apresentaram redução, com exceção dos bens intermediários (insumos e matérias-primas utilizados na indústria), que cresceram 11,7%. Essa categoria respondeu por 62,7% das compras totais do estado no mês de outubro e traz alento para a atividade industrial, com possibilidade de alguma recuperação marginal de produção no último trimestre do ano.

Os principais recuos foram registrados nos seguintes produtos: trigo (-12%), querosene (-28,4%) e borracha (-21,4%). Quanto aos fertilizantes, cujas compras do exterior ainda são impactadas pela guerra no Leste Europeu, o aumento da quantidade importada foi de 160,8% ante a de outubro de 2022, mas as despesas só cresceram 8,4%, devido à vertiginosa queda nos preços médios, que chegou a 58,4% no comparativo interanual

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan./out. – 2022/2023

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	6.317.351	4.562.021	-27,79	61,13
Combustíveis e Lubrificantes	2.859.732	2.360.517	-17,46	31,63
Bens de Capital (BK)	402.520	412.631	2,51	5,53
Bens de Consumo (BC)	154.523	124.712	-19,29	1,67
Bens não Especificados Anteriormente	13.472	3.221	-76,09	0,04
Total	9.747.598	7.463.101	-23,44	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/11/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Além dos fertilizantes, destaque no mês para o crescimento nas compras de nafta (518,7%), células fotovoltaicas (206,2%), malte (33,2%) e máquinas e aparelhos mecânicos (31,2%).

No acumulado do ano, as exportações alcançaram US\$ 8,96 bilhões, com queda de 23,6% comparado ao igual período de 2022. As importações foram a US\$ 7,46 bilhões, também com queda de 23,4%. O saldo comercial do estado no período chegou a US\$ 1,5 bilhão, 24,8% inferior ao mesmo período do ano passado. Já a corrente de comércio atingiu US\$ 16,4 bilhões, também com redução de 23,6% no comparativo interanual.

